

## Artigos Originais

### ALGUNS ASPECTOS DA JUVENTUDE BRASILEIRA E SUA RELAÇÃO COM O “MUNDO” ESCOLAR.

#### Original Articles

### SOME ASPECTS OF BRAZILIAN YOUTH AND ITS RELATION WITH SCHOLAR'S ENVIRONMENT

Leonardo Teixeira Gomes

eotego@gmail.com\*

<http://lattes.cnpq.br/1132345806823442>

Marina Novaes de Senne\*\*

mamasenne@yahoo.com.br

<http://lattes.cnpq.br/6959743698110390>



**CAMINE: Cam. Educ. = CAMINE: Ways Educ.**, Franca, SP, Brasil - eISSN 2175-4217 -  
está licenciada sob [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)    

## RESUMO

Nosso tempo nos exige, cada vez mais, promovermos todos os dias a coexistência de etnias, nacionalidades e culturas diferentes. Esses elementos amoldam diversas sociedades, entre as quais a brasileira. Produto de revoluções tecnológicas essa sociedade tende a redesenhar-se, conforme as relações mundiais se configuram. Nesse sentido, nosso artigo objetivou compreender os aspectos e as dimensões que engendram a juventude brasileira e sua relação com o mundo escolar. Nosso trabalho foi produzido no referencial da sócio-antropologia compreensiva e como ferramenta metodológica a revisão bibliográfica. Como resultado dessa problematização verificamos a necessidade de ampliar e fortalecer o campo de investigação sobre a categoria juventude em sua homogeneidade e heterogeneidade. Por meio de pesquisas do Estado da Arte, ficou evidente que, no

---

\* Doutorando em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, câmpus de Araraquara. Possui graduação em Direito pela Faculdade de Direito de Franca e graduação em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Especialização em Psicodrama com foco sócio-educacional. Especialista em Educação em Valores Humanos. Professor de história - Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.

\*\* Mestre em Serviço Social pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Doutora pelo Programa Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Professora do ensino superior na Estácio- UNISEB.

século XXI, o foco das investigações sobre juventude e escola centra-se mais na discussão da sociabilização que nos resultados escolares esperados.

**Palavras-chave:** juventude. jovem. Educação. ambiente escolar. representação social.

**ABSTRACT:** Our time calls us to promote every day the coexistence of different ethnic groups, nationalities and cultures. These elements fit in several societies, including the Brazilian. Product technological revolutions this society tends to redefine itself - as global relations are reconfigured. In this sense, this paper aimed to understand the aspects and dimensions that construct Brazilian youth and their relationship with the school's environment. Our work was produced in the framework of comprehensive socio-anthropology and as a methodological tool into a literature review. As a result of this questioning we found the need to expand and strengthen the research field on youth in its homogeneity and heterogeneity. Through State of Art's research, it became clear that in the XXI century, the focus of researches on youth and school focus more on discussions of socialization than in expected school results.

**Keywords:** youth. Education. school environment. social representation.

## ***JUVENTUDES POSSÍVEIS***

Podemos definir juventude como uma fase da vida na qual o ser humano estabelece de forma mais complexa suas relações com o universo social. Nossa definição não pretende ser conclusiva, mas alicerça nossos passos. Para esclarecermos os componentes desse nosso alicerce, passemos a uma análise mais detalhada.

Em nosso tempo, o senso comum divide as etapas da vida em infância, juventude, vida adulta e velhice.

Dessa maneira, temos que a juventude é considerada na vida uma etapa de transição entre a infância e o mundo adulto. Entre uma e outra fase encontramos, em Helena Wendel Abramo, a diferenciação:

tempo da primeira fase de desenvolvimento corporal (físico, emocional, intelectual) e da primeira socialização, de quase toda dependência e necessidade de proteção, para a idade adulta, em tese a do ápice do desenvolvimento e de plena cidadania, que diz respeito, principalmente, a se tornar capaz de exercer as dimensões

de produção (sustentar a si próprio e a outros), reprodução (gerar e cuidar dos filhos) e a participação (nas decisões, deveres e direitos que regulam a sociedade). (ABRAMO, 2008, p. 40-41)

Caso desejássemos criar um marco numérico para tal etapa, nos depararíamos com a polêmica mencionada por Maria Rita Kehl, de que juventude atualmente é de custosa demarcação. A autora percebe um alargamento do período, baseado principalmente numa necessidade da economia capitalista.

O conceito de juventude é bem elástico: dos 18 aos 40, todos os adultos são *juvems*. A juventude é um estado de espírito, é um jeito de corpo, é um sinal de saúde e disposição, é um perfil do consumidor, uma fatia do mercado onde todos querem se incluir. Parece humilhante deixar de ser jovem e ingressar naquele período da vida em que os mais complacentes nos olham com piedade e simpatia e, para não utilizar a palavra ofensiva- velhice -, preferem o eufemismo “terceira idade”. (KEHL, 2004, p.89-90)

Em nosso texto, trataremos dos brasileiros entre 15 e 24 anos, faixa etária em sintonia com a pesquisa *Retratos da juventude brasileira – Análises de uma pesquisa nacional*, realizada pelo Instituto Cidadania<sup>1</sup> em 2003.

Podemos considerar como suporte dessa fotografia da juventude a sociedade de mercado. Ao estender o estado de juventude, vemos a indústria cultural converter essa faixa da população a uma situação privilegiada. Desde os anos 60, notamos que as características dos jovens foram alterando-se. Naqueles dias, da adesão às utopias políticas ou da rebeldia contra a moral estabelecida, os jovens eram considerados portadores da energia que mudaria o mundo. Atualmente, o ideário da sociedade industrial leva o jovem a se identificar com a liberdade vazia, a sensualidade e beleza das capas de revista e o modelo hedonista de vida (KEHL, 2004).

Ser jovem virou slogan, virou clichê publicitário, virou imperativo categórico – condição para se pertencer a uma certa elite atualizada e vitoriosa. Ao mesmo tempo, a “juventude” se revela um poderosíssimo exército de consumidores, livres dos freios morais e religiosos que regulavam a relação com o corpo, com os prazeres e desligados de qualquer discurso tradicional que pudesse fornecer

---

<sup>1</sup> O Instituto da Cidadania Brasil é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público que tem por missão a difusão dos conceitos de cidadania em todos os segmentos que formam a nação brasileira. Para maiores informações consulte o site: [www.institutodacidadania.org.br](http://www.institutodacidadania.org.br).

critérios quanto ao valor e à consistência, digamos existencial de uma enxurrada de mercadorias tornadas da noite para o dia, essenciais para a nossa felicidade. (KEHL, 2004, p. 92)

No paradigma adotado em nosso artigo, no qual o simbólico e as condições materiais e históricas estão entrelaçados, concordamos com o argumento de Mário Margulis.

El tema se complica cuando “juventud” no se refiere solo a un estado, una condición social o una etapa de la vida, sino además significa um producto. La juventud aparece entonces como valor simbólico asociado com rasgos apreciados – sobre todo por la estética dominante-, lo que permite comercializar sus atributos (o sus signos exteriores), multiplicando la variedad de mercancías – bienes y servicios – que impactan directa o indirectamente sobre los discursos sociales que la aluden y la identifican. (MARGULIS, 1996, p.15).

Portanto, resumidamente, nos indica Abramo (2008) que juventude aparece nas ideias sociológicas da sociedade ocidental moderna como o período de preparo do ser para o mundo do trabalho produtivo e a complexa teia de relações que dele emergem, sendo a escola local especializado para tal preparação. Constitui-se, a partir daí, um estado de *moratória* – “um compasso de espera que a sociedade oferece a seus membros jovens enquanto eles se preparam para exercer o papel de adultos” (PALACIOS, 2004, p.309), no qual as capacidades de produção e reprodução são adiadas em favor da formação emocional e social, tida como essenciais para realização das anteriores.

Assim, temos que as discussões coetâneas preferem utilizar o termo *juventudes*, para não nos apegarmos em primeiro lugar à diferença entre condição (constituição e atribuição de significado) ou situação (modo como é vivida a condição) juvenil. Para Abramo, a noção social do termo tem se reformulado:

A juventude, mesmo que não explicitamente, é reconhecida como condição válida, que faz sentido, para todos os grupos sociais, embora apoiada sobre situações e significações diferentes. Agora a pergunta é menos sobre a possibilidade ou impossibilidade de viver a juventude, e mais sobre os diferentes modos como tal condição é ou pode ser vivida. (ABRAMO, 2008, p.44)

## **PEQUENO RECORTE DA JUVENTUDE BRASILEIRA NO SÉCULO XXI**

Neste instante, passemos às impressões sobre a sociedade na qual estão inseridas as juventudes possíveis. Ao tratarmos do Brasil no início do século XXI, contexto no qual estão entranhadas a *condição e a situação juvenil*, consideraremos nossa sociedade como uma economia de mercado.

Salvo-conduto, essa concepção é tão arbitrária como qualquer outra, porém, a escolhemos pela sua capacidade de plasmar as relações entre as pessoas, sem ao mesmo tempo ser determinante, ao nosso ver. Logo, utilizaremos aqui esse *artefato cultural* no qual os indivíduos são influenciados e criam influências para agir e pensar.

Na perspectiva das representações sociais, Serge Moscovici (2012) propõe que as pessoas nascem dentro de um esquema de representação já posto e, portanto, agem, influenciam e são influenciadas a partir desse enquadramento. Então, é primordial verificarmos como a juventude em uma sociedade de mercado atua, se organiza, se constrói. “[...] diferentemente das coisas materiais, que independem dos desejos e aspirações humanos para existir, as crenças culturais são produtos de nosso modo de agir e dar sentido a nossas ações”. (COSTA, 2004, p.76).

Para explicar esse modelo de sociedade, Jurandir Freire Costa elabora uma crítica sobre o termo *consumismo*. Para ele, o conflito se inicia no fato de que consumir e comprar são ações diferentes. Somos consumidores apenas de substâncias metabolizáveis, como, por exemplo, de alimentos; enquanto comprar é um *ato econômico com implicações sociais*. Não é nossa intenção, agora, esgotarmos a origem e difusão do termo consumismo, e sim, reconhecer que ao verbo comprar foram inseridas necessidades biológicas, dando-lhe tom naturalista. Segundo o autor, fomos levados a acreditar que os produtos industriais são metabolizáveis, ou seja, têm um ciclo de uso reduzido.

Consumismo, portanto, é o modo que o imaginário econômico encontrou de se legitimar culturalmente, apresentando as mercadorias como objetos de necessidades supostamente universais e pré-culturais, e ocultando, por esse meio, as desigualdades

econômico-sociais entre os potenciais compradores. (COSTA, 2004, p.77)

Perante essa transvaloração, percebemos que a sociedade de mercado, pela sedução do consumo, cria condições de igualar e dividir seus sujeitos. Ela iguala por simular que os desejos podem ser satisfeitos, mas nos divide pelo real potencial de satisfação dos desejos. Para Bauman,

Os impulsos sedutores, para serem eficazes, devem ser transmitidos em todas as direções e dirigidos indiscriminadamente a todos aqueles que os ouvirão. No entanto, existem mais daqueles que podem ouvi-los do que daqueles que podem reagir do modo como a mensagem sedutora tinha em mira fazer parecer. Os que não podem agir em conformidade com os desejos induzidos dessa forma são diariamente regalados com o deslumbrante espetáculo dos que podem fazê-lo. O consumo abundante, é-lhes dito e mostrado, é a marca do sucesso e a estrada que conduz diretamente ao aplauso público e à fama. BAUMAN, 1998, p.55 )

Pensemos, a partir de agora, na juventude e na estrutura socioeconômica brasileira. Paul Singer adota a expressão *coorte* para designar o conjunto de seres humanos de uma mesma época. Para ele, esse grupo nascido, num mesmo contexto histórico, atravessará junto experiências políticas, econômicas e culturais.

Se são todas nascidas no Brasil e continuam no país em sua juventude, então é de esperar que a maioria vivencie a realidade brasileira ao mesmo tempo e em estágios vitais semelhantes: juntas terminarão os estudos, casarão e terão filhos, farão carreira, se engajarão em movimentos políticos, sociais e culturais, etc. (SINGER, 2008, p.27)

Para o autor, a juventude brasileira de hoje nasceu em tempos de crise social. Indagados sobre os problemas que mais os preocupam, os jovens brasileiros do início do século XXI responderam: segurança/violência; emprego/profissão; drogas; educação e saúde (Anexos, quadro 20, p.380 in ABRAMO, 2008). Esses indicadores demonstram que a atual *coorte* reconhece problemas de nossa estrutura socioeconômica e, logo, acredita e deseja que mudanças aconteçam na sociedade brasileira.

Importa a nós investigar alguns aspectos do *modus operandi* ambicionado pela juventude atual, ou seja, como observam o presente, quais pretensões para o

futuro, qual sua capacidade de atuação, como se organizam para tal, e ainda, apuradamente, suas representações sobre a prática de cidadania na escola. Por exemplo, em Paul Singer, nos deparamos com a mudança de ideais dos jovens da geração (o autor considera geração como um intervalo de 33 anos, período mensurado pela média de idade na qual as mulheres da primeira geração se tornam mães da segunda geração) passada para a atual. Ao analisar os dados da pesquisa Projeto Juventude, o autor conclui que “a juventude deseja mudar o mundo e pensa em fazê-lo menos mediante a militância política do que pela ação direta”; porém, acrescenta a ressalva de que “a maior parte dela (*juventude brasileira*) antes de poder contribuir para a mudança, tem de ser ajudada” (SINGER, 2008, p.35).

Essa modificação nos ideais merece aprofundamento, seu desenrolar é atual e ainda consumirá anos. No entanto, nos é possível averiguar algumas significativas alterações nas projeções que os jovens fazem, segundo os dados levantados pelo Projeto Juventude. A *coorte* atual acredita que, nos próximos 5 anos, sua vida pessoal pode melhorar muito mais do que o mundo há de melhorar. Para 92% dos jovens, a vida pessoal melhorará nos próximos anos, enquanto somente 34% acreditam que o mundo ficará melhor (Anexos, quadro 30, p.385 in ABRAMO, 2008). Esse dado pode nos indicar uma desilusão com macropolíticas, uma vez que 55% dos jovens não acreditam influir na política e apenas 4% têm como interesse primeiro a política (Anexos, quadros 57 e 21, p.400 e 381 in ABRAMO, 2008).

Ao analisar os dados produzidos pela pesquisa Projeto Juventude, do Instituto Cidadania, Antonio Lassance discorre sobre questões de homogeneidade e heterogeneidade da juventude nacional. A respeito da questão política descrita acima, infere ele,

Os jovens nacionalmente consideram muito pouco a opção de mudar a política brasileira. Os dados sobre participações eleitorais – facultativa dos jovens de 16 a 17 anos e obrigatória para os acima de 18 -, contrastados aos dados compreensão de cidadania extraídos da pesquisa do Instituto, constata-se que a visão do jovem brasileiro da política é de absoluto desencanto e frustrações. Isto não é propriamente uma surpresa, mas nos indica o quanto o jovem brasileiro não está sendo organizado política e democraticamente em suas estratégias. (LASSANCE, 2008, p. 82)

Ao comparar os dados sobre participação eleitoral e a compreensão de cidadania (ambos obtidos na pesquisa realizada pelo Instituto Cidadania – Retratos da Juventude Brasileira), o autor nos indica que as expectativas dos jovens em relação à política como característica homogeneizante não é exceção. Por exemplo, no quadro 62 – *Participação em atividades ligadas à política* (Anexos, quadros 62, p.403 in ABRAMO, 2008), notamos que 80% dos jovens nunca participaram de manifestações a favor ou contra o governo por alguma causa, e também nunca participaram de reuniões de partidos políticos. Em relação ao quadro 76 – *Direitos mais importantes para o cidadão* (Anexos, quadros 76, p.413 in ABRAMO, 2008), verificamos que somente 3% dos jovens colocam os direitos políticos como fundamentais para a cidadania.

Esses dados servem ao referido autor apenas como exemplos possíveis, entre outros. Ele nos adverte que a presença do jovem no Ensino Médio, garantida por regras constitucionalizadas, nos demonstra *relativo grau de isonomia* da condição educacional da juventude brasileira. Alicerçado, novamente, nos dados levantados pelo Instituto Cidadania, Lassance conclui que

Neste panorama, o jovem é uma categoria eminentemente nacional. Seus contrastes regionais são extremamente tênues. As dinâmicas demográficas e alguns aspectos socioeconômicos centrais demonstram grande proximidade e sugerem uma identidade de problemas e contingências em torno de um jovem que é brasileiro, antes de ser nordestino, nortista, sulista. Enfim, tudo indica que se trata de um personagem eminentemente nacional. (LASSANCE, 2008, p. 79-80)

Nesse ponto faremos um parêntese. A respeito dos dados acima elencados, sobre política, não pretendemos construir uma imagem do jovem brasileiro como um sujeito alienado ao processo político. Ao contrário, buscamos em nosso texto apreender o que talvez seja um novo modelo de atuação nas demandas sociais.

### **JUVENTUDE NA ESCOLA: REALIDADES PARTILHADAS**

Uma vez considerada como uma etapa de preparação para a vida adulta, a juventude necessita de espaços para tal. A escola é tida como espaço privilegiado

para concretizar essa tarefa. Espaço institucionalizado e regulamentado é também responsável por reproduzir valores sociais, no sentido de que a experiência educativa é uma experiência política, pois os ideais/metaspas que se estendem por uma sociedade democrática também se apresentam na escola. Porém, recentes discussões trazem à tona o quanto da formação dos jovens cabe ao ambiente escolar. Para Marília Pontes Sposito, devemos observar algumas mudanças correntes: primeiro, tanto escola quanto família como instituições clássicas passam por período de mutação; segundo, as experiências socializantes dos jovens de hoje são fruto de várias confluências; terceiro, os sentidos que os jovens dão a elas devem ser investigados (SPOSITO, 2008).

Sobre o tema, Maria das Graças Setton aponta:

As prática e experiências de socialização a partir da emergência de uma nova configuração cultural, na qual o processo de construção das identidades sociais dos indivíduos passa a ser medido pela *coexistência* de distintas instâncias produtoras de valores e referências culturais. (SETTON apud SPOSITO, 2008, p.96)

Nessa contextura de diversas coexistências, observamos a cultura escolar não apenas como estrutura didático-administrativa, uma cultura singular, “implicada e comprometida com a ideologia da ‘burocratização da vida social’”, mas sim uma *reapropriação*, na qual os indivíduos e grupos reinterpretam a cultura conforme “suas vivências de senso comum, mas que são eminentemente reais e verdadeiras para eles” (BADIA, 2005, p.104-110). Invisíveis ou não derrubados, os muros da escola tornaram-se osmóticos.

Em recente Estado da Arte sobre Juventude na Pós-Graduação, coordenado por Marília Pontes Sposito, tal porosidade está colocada em evidência. Em pesquisas realizadas entre os anos de 1999 e 2006, nas áreas de Educação, Ciências Sociais e Serviço Social, sobre o tema Juventude e Escola, averiguamos que o foco de interesse vem se alterando. Na década de 1990, as análises buscavam compreender os aspectos da relação escola e juventude que interferiam nos resultados escolares, sem recorrer às múltiplas dimensões da convivência escolar e também às experiências dos jovens fora da escola. O estudo atual aponta

para novas abordagens e temáticas, dando maior densidade ao processo de socialização e à sociabilidade do jovem educando.

Há uma tendência frutífera em boa parte dos estudos de uma aproximação da Sociologia da Educação com a Sociologia da Juventude. Tal deslocamento vem gerando um novo impulso às investigações, marcadas por uma tendência a valorizar os locais e as escolas nas suas especificidades, bem como os atores e as práticas como produtores de realidade e impulsionadores de mudanças. Todo este movimento não deixa de expressar uma ampliação da visibilidade do tema da juventude nos últimos anos, como produto da intersecção de vários campos e atores, dentre eles o político-governamental, o da prática social dos jovens e das instituições sociais e o acadêmico propriamente dito, que interferem de alguma forma nos estudos sobre a relação da juventude com a escola. (DAYRELL et al., 2009, p.59)

Nesse sentido, alguns trabalhos no âmbito da Antropologia da Educação buscaram analisar os significados, sentidos e as representações sociais que os jovens atribuem à escola ou à trajetória escolar, entre eles, citamos a tese de doutorado de Dorgival Gonçalves Fernandes (2003) e a dissertação de mestrado de Joceny Possas Cascaes (2003). Tais pesquisas apontam para uma representação *positiva* por parte dos estudantes em relação à escola. Para eles, as escolas são tidas como lugares de aprendizagem, diversão e amizade, ou seja, uma instituição social útil e proveitosa. Os alunos atribuem à escola a condição de espaço para sonhar com o futuro, pois, ao se dedicarem à conclusão do processo de escolarização, novas oportunidades poderão surgir.

Ao mesmo tempo, a partir da recente expansão de vagas no Ensino Médio das escolas brasileiras, os estudos compilados, neste último Estado da Arte, buscando novas questões para entender a experiência escolar juvenil, indicam nova postura crítica dos estudantes, ora em relação à ausência de políticas públicas de conservação, aparelhamento e ampliação, ora em relação à qualidade das aulas, ou à distância dos conteúdos disciplinares da realidade fora da escola.

Dessa maneira, as teses e dissertações agrupadas no subtema Juventude e Escola apontam para o seguinte horizonte:

Os trabalhos reunidos neste subtema, apesar das densidades teórico-metodológicas muito diversificadas, expressam um avanço

significativo ao reconhecer que os alunos trazem para o interior da escola as múltiplas expressões de uma cultura juvenil que diz respeito a modos de ser jovem e que são suportes de identidades próprias e, principalmente, de demandas e necessidades específicas. Um número expressivo desses trabalhos constata a existência de uma distância da escola em relação à realidade dos jovens alunos, evidenciada no desconhecimento das suas expressões culturais ou mesmo na sua negação, através de diferentes formas de discriminação ou mesmo da proibição de sua expressão. (DAYRELL et al., 2009, p.105)

Perante essa nova situação, reconhecemos que o centro de interesse das pesquisas atuais está migrando da escola enquanto instituição que cria a condição do aluno, para questões do fazer na escola, tais como ensino e aprendizagem, ou relação professor/aluno. Com isso, a multiplicidade das culturas juvenis vem ampliando sua relevância, fato essencial para compreensão da experiência escolar.

Nosso artigo traz como eixo os sujeitos jovens, e não a instituição escolar. São as representações que os alunos de Ensino Médio possuem sobre as práticas de cidadania dentro do espaço escolar nossa questão central. Para tanto intentamos observar que existe uma macrocondição juvenil, não absoluta, mas com aproximações em suas práticas, símbolos, expressões e demandas.

Para tal empreendimento, iniciamos nossa reflexão com uma ressalva, nos apropriando das palavras de Juarez Dayrell,

É necessário salientar que, ao refletir sobre os jovens, estou considerando uma parcela da juventude brasileira que, maioritariamente, frequenta as escolas públicas e é formada por jovens pobres que vivem nas periferias dos grandes centros urbanos marcados por um contexto de desigualdade social. Porém, mesmo se tratando de uma realidade específica, não significa que as questões e desafios com os quais esses jovens se debatem não espelhem de alguma maneira aqueles vivenciados por jovens de outros grupos sociais. Não podemos nos esquecer de que, no contexto de uma sociedade cada vez mais globalizada, muitos dos desafios vivenciados pelos jovens pobres ultrapassam as barreiras de classe, podendo, assim, trazer contribuições para uma compreensão mais ampla da relação da juventude com a escola. (DAYRELL, 2007, p.107).

Não pretendemos uma generalização sobre os jovens brasileiros, mas ao contrário estabelecer paralelos da condição juvenil (anteriormente discutida), mesmo em situações diversas, ao tratarmos de suas representações sociais.

De início, um exemplo de jovem e sua relação com o processo de escolarização.

Na tese de Dorgival Gonçalves Fernandes, *IR-REMEDIÁVEL CAMPO DE SONHOS DE FUTURO: Representações Sociais da Escola entre Jovens Estudantes de Escolas Públicas no Sertão Nordestino*, defendida na Universidade Federal de São Carlos – SP - 2003, encontramos a aproximação constante da educação escolar às perspectivas de futuro. *A garantia de um futuro melhor é a priori* a resposta universal. O autor problematiza no sentido de desmitificar essa premissa e consegue averiguar que mesmo com o futuro garantido, a maioria dos jovens entrevistados não deixaria de estudar. Existem outros motivos pelos quais eles continuariam sua educação escolar. No entanto, na fala dos jovens é constante a dupla: processo de escolarização/futuro,

Eu quero ter um futuro, quero, é..., porque o tempo tá assim tão avançado né, porque atingir, se você não tiver dentro daquilo que ta ocorrendo, você, é, são pessoas competindo lugares para emprego, não é? fazendo competição, fazendo cursos demais e se você for daqueles que ficam pra trás, você não vai saber o que está acontecendo no, onde você está vivendo. Por isso que eu devo ta num, preparar o meu futuro, não sabe? Até mesmo porque quando, vamos que eu chegue um dia a casar, eu quero dar uma educação melhor pros meus filhos. (Angélica, 17 anos). (FERNANDES, 2003, p.261)

Verificamos, na fala de Angélica, preocupações recorrentes aos jovens: a competição por empregos, estar preparado para o futuro e também a educação dos filhos por vir. Para Fernandes, o saber enquanto conhecimento escolar configura-se como um “passaporte” para o mundo do trabalho, ou seja, entrada no mercado de trabalho e o futuro

(...) é trabalho, com suas promessas de recompensas, e para conseguir esse trabalho é preciso ter um diploma: certificado social de que se concluiu o processo de escolarização e se apropriou dos saberes escolares. Desse modo, o diploma se institui como um passaporte para o futuro, a senha de acesso do jovem ao mundo do

trabalho; trabalho esse que se configura como a materialidade, a objetividade do futuro. Podemos assim salientar a centralidade do trabalho como categoria basilar da constituição de representações sociais dos jovens estudantes acerca da instituição escola e do processo que ela implementa: a escolarização. (FERNANDES, 2003, p.262)

Segundo Fernandes, para os jovens de Cajazeiras, no Nordeste brasileiro, a categoria trabalho é essencial na relação com a experiência escolar. Em estudo realizado na cidade de Belo Horizonte, Sudeste brasileiro, encontramos algumas aproximações.

Em relação ao tema trabalho, a dissertação de mestrado de Fernando de Oliveira Mendonça, defendida em 2005, com o título *O adolescente no mundo e o mundo no adolescente: visões de mundo de adolescentes de uma área periférica e de uma área de elite em Belo Horizonte*, Universidade Federal de Minas Gerais, nos indica uma representação pautada na ausência, ou seja, o desemprego. Principalmente em relação aos jovens que se encontram em situações mais vulneráveis de vida, pois ressaltam aos olhos as dificuldades de inserção no mercado de trabalho. Segundo o autor,

Nas entrevistas, o problema do desemprego se mostrou freqüente. Segundo Natacha, “hoje, não é muito fácil para você caçar um emprego... meu irmão tem que fazer as fichas, mas nem sempre as pessoas chamam”. Para Sabrina, os empregos de seus pais são temporários. A sua mãe é faxineira “na quinta e quando aparece e mesmo assim não é garantido. Meu pai de vez em quando não tem serviço porque ele não é fixo”. (MENDONÇA, 2005, p.171).

Diante desses dois casos: a perspectiva de um trabalho no futuro ou o desemprego, encontramos também grande parcela da juventude brasileira na situação de frequentar a escola e já ocupar postos de trabalhos. Segundo Nadya Araújo Guimarães, diversos estudos atuais apontam para um caráter específico da trajetória dos jovens no mercado de trabalho brasileiro, um movimento de ingresso precoce, principalmente em relação às classes média e popular nas grandes metrópoles. Movimento este atrelado às oportunidades e à adequação, pautadas principalmente em trabalhos informais.

Dessa maneira, o jovem brasileiro em suas representações sobre o trabalho tem apontado as dificuldades provenientes das atuais condições de inserção no mercado de trabalho. Porém, tal fato não os leva à perda de significação do campo de ação do trabalho, ao contrário, tem encaminhado para a ressignificação ou produção de novos significados. Em suas pesquisas Guimarães nos revela,

(...) encontrei também que, mais além dessas representações comuns, erigem-se formas de conceber e outorgar valor ao trabalho (fundando-o seja na ética, seja na necessidade, seja na arguição de direito) e padrões de interpretar o significado subjetivo do seu resultado (seja como provedor de necessidade, seja como produtor de independência, crescimento ou autorrealização) os quais, longe de descentrarem o trabalho, permitem entrever a pluralidade de significados produzidos no seio desse grupo de jovens. (GUIMARÃES, 2008, p.171)

Verificamos, portanto, que sobre o tema trabalho, os jovens brasileiros passam por um processo de construção de novos significados, a partir das experiências às quais são expostos.

Em face de nossas escolhas na produção do texto, trataremos por fim de outro aspecto que aproxima os jovens brasileiros: sua relação com o espaço escolar.

Conforme descrições de algumas pesquisas que consultamos, além de nossa própria observação, a arquitetura dos prédios das escolas públicas é bastante semelhante. Sua organização interior possui: sala do diretor, sala da coordenação pedagógica, secretaria, sala dos professores, sala de vídeo, sala da biblioteca, sala de informática, salas de aula, pátio, refeitório, banheiro e quadra esportiva, e ao redor muros.

Em suas observações sobre o espaço da escola, a pesquisadora Angélica Teixeira Gomes anota suas impressões:

O contexto “físico da escola remeteu a pesquisadora muitas vezes ao “panóptico” de Foucault, pois o tempo todo se tem a sensação de estar sendo visto, “vigiado”. Os alunos são “observados” durante a mudança de salas e no horário do recreio pelas inspetoras. Existe um sistema de câmeras no interior da escola, controlado pela diretora. É preciso pedir permissão o tempo todo para se locomover dentro da escola: ir ao banheiro, beber água, pedir giz ou apagador para a coordenadora; tudo requer o aval do docente, da coordenação ou da direção. (GOMES, 2011, p.63)

Ao mesmo tempo, em sua investigação, a autora percebeu que quando bate o sinal a vida “pulsa” no pátio da escola. Nas trocas de salas, os alunos se movimentam pelos corredores produzindo diversas sonoridades, entre risos e conversas, as crianças menores aprontam uma correria. Já na hora do intervalo, no rádio da escola músicas são reproduzidas e em alguns dias ocorriam shows de “pagode” no palco da escola.

Numa investigação antropológica realizada em cinco escolas no município de São Paulo, Alexandre Barbosa Pereira nos descreve situação muito próxima,

O pátio e a quadra esportiva são os locais pelos quais os estudantes têm maior apreço dentro da unidade escolar, porque conforme seus depoimentos, configuram os principais lugares para se encontrar os amigos e onde podem estabelecer relações menos controladas pela lógica disciplinadora da escola. Esses lugares também são freqüentados nos momentos de maior prazer para os jovens: no intervalo para o recreio e na prática de atividades esportivas. Conforme já foi dito anteriormente, o pátio e a quadra esportiva eram os espaços onde se permitiam mais livremente as expressões juvenis. (PEREIRA, 2010, p.92)

Notamos que, nas duas descrições, a relação dos alunos com o espaço escolar – pátio e quadra configuram-se de forma muito semelhante, pois esses lugares assumem a característica de espaço de maior liberdade, no qual as expressões juvenis podem fluir mais livremente.

Enfim, com esses exemplos (o processo de escolarização, o futuro e o trabalho e a relação com o espaço escolar), compreendemos que existem realidades partilhadas em nível profundo. Essas visões compartilhadas pelos grupos sociais, em nosso caso os estudantes, determinam a seara das ideias, valores e comunicações, enquanto ao mesmo tempo regem as condutas permitidas ou desejadas. Essas representações sociais penetram a vida cotidiana e tornam-se parte da realidade comum.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (organizadores) **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

\_\_\_\_\_. **Condição Juvenil no Brasil Contemporâneo**. IN ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (organizadores) **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

BADIA, D. D. **Cultura, Imaginário e Escola**. In SOUZA, R. F.; VALDEMARIN, V. T. **A cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Trad. Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama; revisão técnica Luís Carlos Fridman. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

\_\_\_\_\_. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Trad. Carlos Alberto Medeiros – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 2001.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases**. Lei n. 9.424, de 24 de dezembro de 1996.

CARVALHO, J.M. **Cidadania no Brasil: um longo caminho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

CASCAES, J. P. **A boa escola sob o olhar do aluno: um estudo de representações sociais. 2003**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Regional de Blumenau, Santa Catarina, 2003.

COSTA, J.F. **Perspectiva da juventude na sociedade de mercado**. IN: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (organizadores) **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

DAYRELL, J. **A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil** Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

DAYRELL, J.; NONATO, B. F.; DIAS, F. V.; CARMO, H. C. **Juventude e Escola**. IN: SPOSITO, M.P. (org). **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)**. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

FERNANDES, D. G. **Ir-remediável campo de sonhos de futuro: representações sociais da escola entre jovens estudantes de escolas públicas no sertão nordestino. 2003.** Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2003.

GOMES, A. T. **Interação professor-aluno em salas de aula do ensino Médio.** Ribeirão Preto, 2011. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo.

GUIMARÃES, N. A. **Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil?** In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (organizadores) **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

KELH, M. R. A juventude como sintoma da cultura. IN NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (organizadores) **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação.** São Paulo: editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

LASSANCE, A. Brasil: jovens de norte a sul. IN ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (organizadores) **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

MARGULIS, Mario; ARIOVICH, Laura. La juventud es más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud. Editorial Biblos, 1996.

MENDONÇA, F. O. **O adolescente no mundo e o mundo no adolescente: visões de mundo de adolescentes de uma área periférica e de uma área de elite em Belo Horizonte.** Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2005.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em Psicologia Social.** Rio de Janeiro: Ed.Vozes, 2012.

NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (orgs) **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação.** São Paulo: editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

PALACIOS. J.; OLIVA. A. A adolescência e seu significado evolutivo. In COLL. C.; MARCHESI. A.; PALACIOS. J. **Desenvolvimento psicológico e educação.** Trad. Daisy Vaz de Moraes. 2.ed . – Porto Alegre : Artmed, 2004.

PEREIRA, A. B. **A maior zoeira: experiências juvenis na periferia de São Paulo.** São Paulo, 2010. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo.

SÃO PAULO (ESTADO) SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. **Currículo do Estado de São Paulo: Ciências Humanas e suas tecnologias.** São Paulo, SEE, 2010.

SINGER. P. A juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social. In ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (orgs.) **Retratos da juventude brasileira:**

análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

SPOSITO, M. P. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (organizadores) **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

\_\_\_\_\_. **Estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006), volume 1. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.